

SOBRE PALAVRAS NÃO DITAS: UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA DO SERIADO “13 REASONS WHY”

Talita Noronha Alves, Ludwig Felix Machado Leal, Lorena Bandeira Melo de Sá

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

tallitanoronha@gmail.com

Resumo: O objetivo do presente artigo é observar como palavras não ditas podem ser decisivas na construção do sentido de vida para pessoas que sofrem com feridas sociais, como assédios e bullying. Para tratar deste assunto, é utilizado como base o seriado de nome “13 reasons why” que traz a história da adolescente Hannah Baker que comete suicídio e deixa 13 fitas gravadas, onde cada uma destas responsabiliza uma pessoa de seu convívio por sua decisão de tirar a própria vida. Não somente, utiliza-se da teoria de Viktor Frankl, conhecida como Logoterapia, para relacionar aspectos da vida da protagonista com conceitos fundamentais da teoria Frankliana que auxiliam como aporte teórico no esboço para o entendimento de como palavras ditas e não ditas podem influenciar nas decisões humanas. Esta análise se mostrou de extrema importância, não somente pelo fato de que o suicídio deve ser um tema tratado em nossa sociedade atual, mas também pelo fato de que em virtude do grande sucesso da série, o Centro de Valorização da Vida (CVV), segundo o Estadão de São Paulo, registrou um aumento de 445% no número de emails recebidos pela instituição, onde as pessoas que procuram este serviço tem citado, frequentemente, o encorajamento dado pela série para a procura de auxílio emocional neste Centro, corroborando com a idéia de que mais pessoas tem procurado nas palavras ditas a força para prosseguirem. Assim, espera-se que mais pessoas possam compreender e buscar auxílio na Logoterapia no sentido de promover a vida em detrimento da morte.

Palavras-chave: 13 razões porquê, palavras, logoterapia.

INTRODUÇÃO

O suicídio é um tema conhecido há muito pela sociedade. No entanto, a não veiculação da maioria dos casos de suicídio pelos meios de comunicação, justificados pela intenção de não estimular mais casos, corroboram para a idéia de que esse tipo de atentado contra a vida inexistente ou que ocorre muito pouco. Justamente por isso, em um efeito dominó, menos pessoas atentam para a leitura e conhecimento acerca deste tema, o que gera uma menor possível identificação de sujeitos em sofrimento psíquico, uma vez que, a falta de comunicação inerente a nossa sociedade pós moderna, atrelada ao pouco ou nenhum conhecimento desta sociedade sobre este tema, continua dispondo menos ajuda às dezenas de pessoas que seguem decidindo por fim as suas próprias vidas.

É fato que somente um especialista da área de saúde mental como um psiquiatra ou um psicólogo podem tratar com eficácia e tato um paciente que apresente indícios de ideação suicida,

no entanto, costuma ser discreta a taxa de pessoas com depressão ou qualquer outra motivação para o suicídio que procuram por decisão própria centros de ajuda ou a ajuda de um profissional da saúde mental, por diversas razões. Essa taxa discreta de procura pelos próprios sujeitos que sofrem, aliados a falta de atenção de familiares e amigos para com esta pessoa faz com que as taxas de suicídio, principalmente entre os jovens e os adultos jovens, cresçam cada dia mais.

Segundo Machado e Santos (2015) apoiados em dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), há diferenças entre as taxas de suicídio no mundo, não somente em quantidade. Em uma cartilha divulgada pela OMS sobre prevenção de suicídio, alguns fatores de risco apontam para uma maior taxa de suicídio em classes sociais mais baixas, indivíduos com perturbações mentais (aí incluídas a depressão e outros transtornos psiquiátricos), indivíduos homossexuais ou que sofreram abusos, entre outros. Ainda, outros fatores também contribuem para o aumento significativo das taxas de suicídio no mundo, como a cultura e a religião.

Alguns dados de 2012 da OMS sobre as taxas de suicídio são de 11.821 suicídios no Brasil, representando 5,8% das causas de morte; 29.442 suicídios no Japão, representando 18,5% das causas de morte e o país com maior taxa de suicídio no mundo sendo a Guiana, na América do Sul, com 277 suicídios, representando 44,2% das causas de morte. A Guiana, embora tenha o menor número de suicídios entre os citados, fica em primeiro lugar no ranking devido à proporcionalidade, uma vez que a OMS leva em conta um suicídio a cada 100 mil habitantes. Por ser um país pequeno com uma população também pequena em relação aos outros, através da proporcionalidade acaba tornando-se o primeiro em número de suicídios a cada 100 mil habitantes.

É por todos estes dados e pela urgente necessidade de se tratar sobre este tema que é real e presente na atualidade que este artigo foi desenvolvido. Com vistas principalmente a sensibilização da população em geral para a ajuda pela palavra e a sensibilidade humana que tanto tem nos faltado, e que podem ser o porto seguro de quem está procurando por ajuda e não sabe como proceder.

O presente artigo visa além do fomento ao conhecimento mais amplo e profundo da Logoterapia de Viktor Frankl, promover a reflexão sobre nossas atitudes cotidianas perante as pessoas que fazem parte do nosso convívio de modo que possamos cada vez mais nos humanizar perante a dor do outro. Não obstante, para as pessoas que se identificam com a problemática tratada na série, este artigo propõe essa busca por centros de ajuda e ajuda especializada para que mais vidas sejam poupadas em detrimento dos pensamentos suicidas, contribuindo de modo amplo para a questão da prevenção e promoção à saúde mental.

METODOLOGIA

O presente artigo trata de uma análise da série em questão, “*13 reasons why*” (13 razões porquê) embasado a partir de textos da abordagem psicológica logoterápica. Foram utilizados livros e artigos para analisar o conteúdo da série e o perfil de um suicida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É complexo traçar o perfil único de um suicida, uma vez que, quando conseguem levar a intenção suicida a ultimo grau, somente através de uma autopsia psicológica os dados pregressos relativos ao funcionamento mental/psíquico daquela pessoa pode ser obtido. Mas, de modo geral, independente da idade, gênero ou quaisquer outra característica diferenciadora. Estas características são mais complexas, segundo BOTEGA (2014), uma vez que estudos provaram o possível diagnostico de transtorno mental em mais de 90% dos casos.

Relativos a estes transtornos mentais, os mais comumente associados ao suicídio são a depressão, transtorno bipolar e dependência de álcool e outras drogas psicoativas; esquizofrenia e certas características de personalidade (2014), tentativas anteriores de suicídio, ausência de apoio social, histórico de suicídio na família, forte intenção suicida, eventos estressantes e características sociais e demográficas, tais como pobreza, desemprego e baixo nível educacional (MOREIRA, BASTOS, 2015).

Não se pode afirmar, contudo, que a personagem Hanna padecia de um desses transtornos, sendo somente seguro dizer que não havia uso de drogas psicoativas ou dependência do álcool (tomando como base o que foi ilustrado na série), ainda que na sua família houvesse apoio emocional aparente dos pais, o que não foi suficiente para que a personagem mudasse sua idéia, levando-nos a perceber que mesmo os fatores protetivos podem não ser suficientes para desconstrução da idéia suicida.

Viver em sociedade pode ser capaz de fortalecer um sujeito, caso esta sociedade seja acolhedora, não competitiva ou individualista; promovendo no sujeito essa condição de integração e de suporte (MAUAD, 2013). Por outro lado, viver em uma sociedade competitiva, individualista e controladora, pode gerar no sujeito o sentimento de não pertencimento e não acolhimento, fabricando, por consequência; a ansiedade, depressão, a visão autodepreciativa e diversas outras condições psicológicas não saudáveis ou inadaptables no sujeito.

Em outras palavras: mesmo nas sociedades em que o comportamento seja o de individualidade, há a necessidade de pertencimento ao grupo mais próximo comum, ao passo que,

mesmo fazendo parte de um grupo há a necessidade de se destacar dentro deste, de modo que mesmo dentro do “nós”, o “eu” prevaleça.

A primeira instituição social a qual temos contato é a família, ou algum grupo que a represente. Depois, torna-se a escola o local onde construímos nossa personalidade justamente nessa perspectiva do outro para comigo. É na escola - primordialmente ocidental – que, talvez, o processo de diferenciação seja mais cruel.

Essa diferenciação do outro, principalmente nos aspectos ideológicos, é reforçada por nossos pais que nos instigam a tirar as melhores notas ou sermos o melhor atleta, alimentando, assim, a competitividade de sua prole. Para Paulo Nader essa interação social acontece, essencialmente, de três formas: a cooperação, a competição e o conflito.

Através desta perspectiva, podemos compreender a importância que as interações sociais produzem nas relações entre os diferentes grupos e pessoas. Nesse cenário, a linguagem tem um papel crucial, tendo em vista que, independente das formas de interação, precisamos nos fazer ser entendidos. A socialização entre os homens nasce justamente desta necessidade de comunicação entre as espécies e que, somente na espécie humana, adquire valor simbólico e metafórico, o que é uma característica a mais do que a simples comunicação, que seria o básico necessário para que nos façamos entender.

A capacidade de comunicação é inerente ao ser humano mesmo antes da evolução do seu aparelho fonador. Antes disso, os gestos e desenhos eram a ferramenta disponível para relatar ao outro o que se queria expressar. Após o desenvolvimento das cordas vocais e do aparelho fonador como um todo, o ser humano se viu capaz de ampliar seus modos de comunicação ao ponto que desde bebês, mesmo antes de desenvolvermos qualquer tipo de conhecimento ou noção do que sejam as palavras, nos expressamos através do choro, demonstrando fome, inquietação ou dor.

Quando crescemos e aprendemos a falar, as possibilidades de agora expressar o que antes não era possível ampliam-se de modo tal, que, Piaget, já identificou que em determinada idade (por volta dos 2 e 7 anos) a criança tende a fazer muitas perguntas, justamente porque antes não possuía a capacidade de questionar o mundo, ao passo que agora o tem. É nesse estágio que o simbólico começa a surgir. Segundo Pokorski&Pokorski (2012, apud McDougall, 1996) “as origens do universo simbólico surgem quando o bebê consegue usar a palavra para substituir as formas mais primitivas (choro, resmungos) de comunicação corporal pronunciando então a palavra *mamãe*.”

A partir desta perspectiva do social mediante utilização da linguagem e de como esta influenciou no próprio desenvolvimento humano, utilizou-se a série televisiva “*13 reasons why*” para ilustrar

como a vida em sociedade, e ainda, a utilização da linguagem como prerrogativa para pertencimento a grupos e fator primordial ao entendimento de como a ausência de comunicação pode ser fator limitante para vida – ou morte; em outras palavras: como as palavras não ditas podem influenciar o continuar vivendo, ou não.

A série “*13 reasons why*” (em português, “13 razões porquê”), inspirada no livro de mesmo nome, escrito por Jay Asher, tornou-se febre nas redes sociais e entre a população em geral, principalmente os jovens, porque trata do suicídio da adolescente Hannah Baker, personagem que tira a própria vida e deixa 13 fitas cassete gravadas, onde cada fita fala sobre uma pessoa da sua vida que teria sido um dos porquês que a levaram a cometer suicídio. A sua intenção era que as fitas fossem passadas de pessoa a pessoa para que todos pudessem entender sua história e o impacto que cada um teve em sua vida - e morte. Os eventos são mostrados através do personagem Clay, um amigo de Hannah que, sofrendo com a morte dela, recebe as fitas e precisa lidar com as brutais revelações sobre suas experiências e a ideia de que ele também era parte do problema aos olhos dela.

Hannah Baker não era negra, acima do peso, pobre, deficiente ou homossexual; estereótipos clichês para a representação do *bullying* nas produções cinematográficas. Não obstante, Hannah é a representação de que para viver em sociedade, não é preciso ser destoante para chamar atenção de forma negativa para si; pelo contrário, qualquer um pode ser vítima das palavras ditas ou não ditas.

Falar sobre suicídio na sociedade atual, que parece padecer de uma fragilidade emocional crônica, é tanto um assunto temido quanto um tema necessário. O tabu que envolve questões como suicídio, aborto, pena de morte, doenças mentais, sexo, gênero... parecem sempre ser maiores que a vontade de preservar nossos jovens e a nós mesmos.

Muito embora a série seja sobre os porquês que a levaram a cometer o suicídio, cada fita revela uma faceta do ser humano que costumamos negligenciar, ser vítimas ou causadores. Não se trata, somente, do suicídio em si, mas principalmente, sobre as palavras. Palavras essas que em dados momentos foram ditas, e que levaram a personagem principal a cometer suicídio; palavras essas que em dados momentos foram silenciadas, e que poderiam ser a mão estendida para Hannah ou para qualquer um em sofrimento psíquico.

Para compreender a partir do que e como essas palavras não ditas preenchem parte fundamental da construção das relações humanas saudáveis ou não, utilizou-se conceitos presentes na Análise Existencial de Viktor Frankl, também chamada de Logoterapia.

A logoterapia, ou a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia (sendo a Psicanálise Freudiana de Sigmund Freud a primeira, e a Psicologia Individual de Adler a segunda), criada por Viktor Emil Frankl, é um sistema teórico-prático de psicoterapia cuja teoria gira em torno da busca pelo sentido da vida.

Sobre a logoterapia, os principais conceitos giram em torno da tríade do Sentido de Vida, Vontade de Sentido e Liberdade da Vontade. Para Frankl todos os seres humanos precisam estar orientados a um sentido de vida, e que não se encontra presente em si mesmo, mas para fora de si, como em algo ou alguém: “[...] quero salientar que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado. Chamei esta característica constitutiva de “a autotranscendência da existência humana”. (FRANKL, 2008)

Em sua teoria, Frankl fala muito sobre responsabilidade e liberdade, que seriam, em outras palavras, o exercer do *ser* humano, de modo que à medida que somos livres e escolhemos as decisões de nossas vidas, devemos ser responsáveis pelas conseqüências destas escolhas, ou seja, devemos ter consciência da responsabilidade de nossa liberdade.

Os conceitos de liberdade e responsabilidade estão intrinsecamente ligados a tríade da logoterapia, principalmente em relação à liberdade da vontade. Para Frankl, nós, humanos, somos inteiramente livres em nossas escolhas, ao passo que, se olharmos por outro ângulo, podemos dizer que estamos presos a ser livres.

Na logoterapia de Viktor Frankl, existem dois tipos de “estar livre”: o estar livre *de* e o estar livre *para*. Na primeira, deduz-se os fenômenos naturais ou aqueles fenômenos dos quais inexoravelmente não podemos controlar, como, por exemplo, a morte. Nenhum de nós está livre *de* morrer, no entanto, somos livres *para* escolher o que a morte, por exemplo, pode ter de significativo. O estar livre *para*, indica que somos livres para nos posicionarmos frente às situações, e é neste ponto que entra, por exemplo, o encontro do sentido do sofrimento. Este escolher *para* traz consigo a responsabilidade de suportar as conseqüências das escolhas que fazemos diariamente (FRANKL, 2008). Na série *13 reasons why* é possível perceber que muitas das razões pelas quais Hannah responsabiliza seus colegas de escola foram, de um modo ou de outro, conseqüências de escolhas que ela fez.

Desta forma, podemos compreender que a dor e sofrimento causados pelas ações das pessoas que Hannah responsabiliza nas fitas por terem-na levado a cometer suicídio, foram a união do reflexo das escolhas que ela própria fez mais a conduta irresponsável de terceiros, de modo que,

se Hannah houvesse feito escolhas diferentes, a maioria das situações a qual ela se queixa teriam inexistido ou sido diferentes. Mesmo que fosse impossível Hannah prever tudo que aconteceria em decorrência das escolhas do dia de seu estupro, é necessário ter em mente que todas as escolhas que ela fez naquele dia poderiam tê-la levado a incontáveis destinos e situações diferentes.

O que se mostra mais difícil ao ser humano, talvez justamente por seu instinto de sobrevivência a qualquer custo, seja o hábito que temos de projetar nossas sombras e frustrações no outro (JUNG, 2011), ao passo que, desse modo, estamos nos isentando da responsabilidade. É certo que de maneira alguma a responsabilidade do estupro foi da vítima, pois a culpa NUNCA é da vítima. O que se diz é que cada escolha significa um peso que se há de arcar, afinal, somos nós que escolhemos isto ao invés daquilo.

Parece ser mais consciente do ser humano a noção de que estamos escolhendo determinada coisa, seja pela qual razão for; no entanto, não é consciente o fato de que, ao escolher, teremos que ser responsáveis por aquela ação. Esse não-pensar sobre as conseqüências de nossa liberdade de escolha levam o sujeito ao sofrimento psíquico, uma vez que supõe-se ter escolhido o que escolheu orientado por seus valores, sua dimensão noética como um todo. Esse sofrimento psíquico pode ser exemplificado pelo que Frankl chama de *tríade trágica*.

A tríade trágica, também conhecida como otimismo trágico na logoterapia, é composta pela dor, a culpa e a morte (FRANKL, 2008; SANTOS, 2016). É necessário salientar que estes três aspectos da tríade são inerentes ao homem, uma vez que os animais irracionais não são capazes de sentir dor (dor emocional, psicológica; e não física), culpa por algo que fizeram ou deixaram de fazer, e tampouco são cientes da existência da morte. Segundo Frankl, a tríade trágica pode ser definida como o permanecer otimista, apesar da dor, culpa e morte (2008).

No seriado, a personagem Hannah passa quase que por todos os pontos da tríade trágica, onde a dor a acompanha desde o dia em que a foto com Justin no parque é divulgada para toda a escola até o momento em que ela comete suicídio. Esta dor, no entanto, não foi maturada por Hannah, que não conseguiu encontrar um significado para esta, e acabou sucumbindo.

Ao ser estuprada, o que é comum em relato de vítimas, podemos observar o sentimento de culpa e vergonha que Hannah e tantas outras meninas e meninos que foram vítimas de abuso sexual sentem de si mesmos por terem participado deste ato brutal (SOUZA et al; 2012). A culpa também esteve presente em Hannah quando ela pede desculpas na fita por não ter contado a sua amiga Jessica que a viu ser estuprada quando bêbada por Bryce na sua festa de início das aulas. Novamente: Hannah não foi capaz de lidar com as conseqüências de suas escolhas.

Falar de dor na sociedade em que vivemos é quase um absurdo, uma vez que não é possível sentir ou viver a dor, ela deve sempre ser ignorada ou medicada, negada ou silenciada, mas jamais sentida. A fabricação de sorrisos forçados e de entretenimento cada vez mais absurdo com roteiros mirabolantes que sentem mais e mais dificuldade em arrancar uma gargalhada boa e sincera dos telespectadores é o que move a construção da atual felicidade. Essa mesma felicidade que ninguém sabe o significado, mas que todo mundo sabe onde comprar, se depositam em objetos e coisas que cada dia mais se transformam e se inovam para atender a essa demanda tão grande de felicidade “Express” da qual necessitamos.

A culpa por sua vez, jamais está em nós, mas sempre no outro. No outro que saiu com roupas curtas, no outro que andou por uma rua mais deserta, no outro que saiu sozinho a noite, nos pais que deram tratamento relaxado, na cor da pele ou no sotaque carregado. A culpa nunca é nossa, porque a dor jamais poderá ser sentida.

As neuroses noogenicas surgem quando há, no sujeito, a ausência de um sentido ou de situações em sua vida que sejam dotadas de profundo significado pessoal. Diferente da neurose psicogênica (de ordem psíquica), na neurose noogenica há uma frustração existencial. Por exemplo, quando o sujeito se vê vivendo da mesma forma como os outros vivem (conformismo) ou da forma como os outros desejam (totalitarismo) (FRANKL, 2008), suas experiências e vivências costumam ser isentas de qualquer significação pessoal, de modo que essa “vida vazia” não é capaz de representar a noodinamica a qual Viktor Frankl se reporta para definir este estado de desequilíbrio tão necessário entre o “sou” e o “quero ser”.

A partir do momento em que nossa noodinamica está desequilibrada (não possuímos sentido de vida), e não nos movemos diante dessa questão, temos a tendência a entrar em uma neurose noogenica, em outras palavras, uma neurose do espírito. No entanto, Frankl afirma que nem todo conflito existencial é necessariamente neurótico, mas em determinadas circunstancias é sadio, pois funciona como força motriz para modificação do estado de inércia. (FRANKL, 2008),

Não se pode dizer, apesar de tudo, que a personagem Hannah padecia de um vazio existencial ou mesmo de uma neurose noogenica, uma vez que, na série, não ficam explicitadas, fora o conteúdo das fitas gravadas por ela, pistas que pudessem revelar traços de sua personalidade; ou seus desejos, suas aspirações e sonhos, tratando somente de questões mais pontuais, ocorridas em um curto espaço de tempo.

Essa neurose noogenica, na logoterapia, é trabalhada de modo que o próprio sujeito construa em si situações e relações de plena significação e elevação pessoal, uma vez que a logoterapia não

foca nas configurações do tipo círculo vicioso ou nos mecanismos de retro alimentação da psique, tendo em vista que todos os seres humanos são dotados de plena potencialidade para crescer e elevar-se, e é nessa perspectiva da potencialidade humana que a logoterapia trabalha no sujeito, fortalecendo suas virtudes em detrimento de suas falhas, com um olhar voltado para o futuro. (FRANKL, 2008)

A grosso modo se pode observar essa busca de algo mais significativo em Hannah, seja no trabalho no cinema, ou na escola, ou ainda mesmo nas relações sociais, a personagem se vê sem “porquês” pelos quais vale apenas viver, e comete suicídio.

Isto posto, há várias maneiras de se encontrar um sentido de vida, e estas cabe a cada um, individualmente, num caminho de autoconhecimento que só é capaz quando se pratica o autodistanciamento. Este termo, na logoterapia Frankliana, diz respeito a capacidade humana de distanciar-se de si mesmo (SANTOS, 2016). Este distanciar-se provocaria a visão “externa” dos afetos que nos atingem negativamente, de modo que, essa visão mais distante de si e dos problemas causariam no observador a possibilidade de observar que não somos o problema e que nossa vida não se baseia nele, mas que ele é apenas um pequeno pedaço do que nos acontece.

Quando estamos imersos em um problema ou uma situação difícil, tendemos, algumas vezes, a ser incapazes de achar a solução, porque estamos apenas com o olhar direcionado ao micro. Quando pedimos o auxílio de outra pessoa – que equivaleria, metaforicamente, ao autodistanciamento – tendemos a ter uma solução mais rápida, porque aquela outra pessoa não está afetivamente movida pela essência do problema, logo, ela é capaz de enxergar esse macro.

Quando Hannah, no início da última fita fala que depois de gravá-las sentiu por um minuto que era capaz de superar aquilo tudo e que pediria ajuda desta vez, houve aí a intencionalidade de busca por sentido, no entanto, numa atitude fatalista, Hannah depositou no conselheiro da escola toda a responsabilidade de dar a ela uma razão para todo este sofrimento, e como o próprio Frankl já falara, este sentido deve ser encontrado única e exclusivamente pela própria pessoa que a busca, e não por outras.

Hannah não foi capaz de perceber que ela não era o que as pessoas falavam sobre ela ou como as pessoas a pensavam. Ela internalizou aquelas palavras ditas enquanto precisava das palavras que não foram ditas, para tentar se reerguer.

Essas palavras não ditas ficaram perfeitamente evidentes em toda a fala do conselheiro da escola que Hannah procurou no dia em que cometeu suicídio, quando ele, por qualquer razão que seja, não foi ao encontro do sofrimento de Hannah, mas, mesmo entendendo o que ela estava

falando, foi incapaz de ser a pessoa que Hannah desesperadamente procurava. *“Se não puder me dar um nome, se não quiser prestar queixas sobre este garoto [que seria Bryce, quem a estuprou], se nem sabe se pode prestar queixas, então só há UMA opção. Não estou tentando ser ríspido Hannah, mas você pode seguir em frente”*- *Conselheiro, fita 6, lado B*. Através desta fala do conselheiro, percebemos que ao invés de apoiá-la incondicionalmente e procurar respostas para o sofrimento daquela garota, a posição do conselheiro foi de conformismo, no melhor estilo *“o que aconteceu, aconteceu”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou evidenciar em momentos e episódios de uma série televisiva que visa trabalhar a questão do suicídio aspectos e conceitos da teoria de Viktor Frankl que poderiam ser ou não explicativos para o entendimento do comportamento da protagonista da série. Muito embora a interpretação das ações e motivações que levaram a personagem a seguir a trajetória que seguiu seja inteiramente de cunho subjetivo de cada um que o assiste, é importante compreender como a motivação para o suicídio se desenvolve também em pequenas atitudes, omissões e participações de pessoas ao redor da pessoa doente.

O que se pretende relatar, em suma, é exatamente a importância que temos na vida do outro e a importância deste na nossa. Em virtude de momentos de angústia ou de raiva, tendemos a ser incompreensíveis e ariscos, proferindo palavras que magoam e ferem as outras, pois somos seres inevitavelmente ligados a símbolos e significados, o que nos faz imbuir diversas significações as palavras. Desta forma, também a omissão perante o sofrimento do outro, numa atitude de *“não é problema meu”*, podem ser a gota que falta de desesperança e desamor na vida de alguém.

A partir disso, é evidente, para quem conhece mais profundamente a teoria Frankliana, que diversos outros aspectos e conceitos poderiam ser trabalhados tanto nos episódios e situações citados como em outros da série. No entanto, em virtude da própria limitação da escrita, os aspectos acima relatados servem de base para compreensão e discussão tanto sobre o seriado, quanto de temas como suicídio na adolescência, abuso sexual, negligência e tantos outros temas que poderiam e deveriam ser discutidos em escolas, e primordialmente entre pais e filhos; bem como, a apresentação da Logoterapia como aporte teórico que pode ser capaz de explicar e auxiliar pessoas como Hannah Baker, protagonista do seriado, e que pode servir de estímulo para a procura de ajuda.

Nas palavras de Viktor Frankl: “Contudo, mesmo que todo e qualquer caso de suicídio não tenha sido levado a cabo por causa de um sentimento de falta de sentido, é bem possível que o impulso de tirar a vida tivesse sido superado se a pessoa tivesse estado consciente de algum sentido e propósito pelos quais valesse a pena viver” (2008).

Sugere-se ainda, num espírito de amplificar tanto o estudo científico da Logoterapia quanto o entendimento de atitudes da personagem que podem ser encontradas em sujeitos reais, que mais pessoas sintam-se motivadas a retratar outros aspectos do seriado e da teoria que por ventura não tenham sido abordados neste artigo, mas que também são de grande valia para a prevenção e promoção da saúde mental nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTEGA, N. J. **Comportamento suicida: epidemiologia**. Psicol. USP, São Paulo, v. 25, n. 3, p.231-236, Dez. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000300231&lng=en&nrm=iso> . Acesso em 21 Abr. 2018.

DIOGENES, J; TOLEDO, L. F. **Busca por centro de prevenção ao suicídio cresce 445% após série**. O Estado de São Paulo, abril 2017. Disponível em <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,busca-por-centro-de-prevencao-ao-suicidio-cresce-445-apos-serie-da-netflix,70001734246>>. Acesso em 13 Maio 2017.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. 25ª ed. São Leopoldo: Vozes. 2008.

JUNG, C. G. **Psicologia do Inconsciente**. 22ª ed. São Leopoldo: Vozes, 2011.

MACHADO, D. B; SANTOS, D. N. **Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012**. J. bras. psiquiatr., Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 45-54, Mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852015000100045&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 Maio 2017.

MAUAD, J. L. **Individualismo vs. Coletivismo**. Instituto Liberal, 2013. Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/blog/individualismo-vs-coletivismo/>> . Acesso em 04 Jan. 2018.

MOREIRA, L. C. O. et. al. **Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura**. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 19, n. 3, p. 445-453, Dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300445&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 Abr. 2018.

NADER, P. **Introdução ao estudo do direito**, 28^a ed., Rio de Janeiro: Forense, 2007. Organização Mundial da Saúde (OMS). **Prevenção do suicídio – um recurso para conselheiros**. Genebra, 2006. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf>. Acesso em 23 Mai. 2017.

POKORSKI, M. M. W. F.; POKORSKI, L. A. F. **A linguagem constituinte do ser humano**. *Estud. psicanal.* Belo Horizonte, n. 38, p.97-103, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 Abr. 2017.

SANTOS, D. M. B. **Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*; Rio de Janeiro, n. 68, p. 128-142, maio 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v68n2/v68n2a11.pdf>>. Acesso em 04 Jan. 2018.

SOUZA, F. B. C; DREZETT, J; MEIRELLES, A; RAMOS, D. G **Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual**. 3^a ed. Reprodução e Climatério; v. 27, p. 98-193, 2012. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S141320871300006X>>. Acesso em 21 Fev. 2018.

WHO. **Suicide prevention and special programmes**. World Health Organization; 2005. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf>. Acesso em 04 Jan. 2018.